

## Raça e colonialismo: o lugar da França na crise política haitiana

Renata de Melo Rosa  
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
[renatarosa@mec.gov.br](mailto:renatarosa@mec.gov.br)

### Resumo

Este artigo faz uma breve reflexão acerca da imagem que a ocupação francesa (anterior à MINUSTAH, força de estabilização civil da ONU liderada pelo Brasil) ocupa no imaginário dos líderes anti-Aristide que vêem a França como alteridade total ao Haiti, através das oposições do colonialismo e da raça. Partindo deste suposto, o artigo compara a dificuldade deste grupo de oposição política em transitar entre as categorias negro/branco à mesma dificuldade presente no pensamento social haitiano, especificamente através da obra clássica de Jean Price-Mars *Ainsi Parla L'Oncle*.

### Palavras-chave

Raça, Colonialismo, Haiti.

O ano de 2004 registra um importante momento para a história haitiana: os 200 anos de Independência colonial, que representam, ao mesmo tempo, o fim da escravidão e construção de um Império Negro nas Américas<sup>1</sup>. Significativamente, este ano que todavia ainda não completou seu primeiro semestre, a França, junto com outras missões de paz militares, enviou cerca de 1.200 soldados ao Haiti para o restabelecimento da crise política que culminou com a saída do Presidente Jean Bertrand Aristide do poder, em 29 de fevereiro de 2004.

Parte do meu entendimento sobre cultura se refere à fronteira que a modela, a partir da qual seus partícipes não conseguem transitar nem mesmo no imaginário. O que está dentro desta fronteira é a cultura nacional, o “nós”, e o que está fora são os “outros”, uma outra cultura. Esta reflexão foi produzida a partir de pesquisas comparativas entre o pensamento social brasileiro, o dominicano e o haitiano. Enquanto nos dois primeiros, o transitar entre posições identitárias fixas da raça é constitutivo, no Haiti, a impossibilidade de trânsito entre as posições do negro e do branco é significativa dos contornos que modelam esta cultura.

---

<sup>1</sup> As tentativas de construção de um Império Negro podem ser verificadas nas ações políticas de Toussaint L'Ouverture, em 1801, Jacques Dessalines, em 1804 e Jean Pierre Boyer, em 1822, quando estes chefes de Estado invadiram a parte espanhola da ilha com o objetivo de reunir a diáspora negra de algumas partes da América. Ver Gaspar de Arredondo y Pichardo. “Memoria de mi salida de la Isla de Santo Domingo el 28 de abril de 1805”. (Ed.) Emilio Rodríguez Demorizi. *Invasiones Haitianas de 1801, 1805 y 1822*. Ciudad Trujillo: Academia Dominicana de la Historia, 1955. Harry Hoetink. *Santo Domingo y el Caribe: Ensayos sobre Historia y Sociedad*, Santo Domingo, República Dominicana: Fundación Cultural, 1994; Ramón Marrero Aristy. *República Dominicana: origen y destino del pueblo cristiano más antiguo de la América*, Ciudad Trujillo, República Dominicana: Ed. Del Caribe, 1957. Emilio Rodríguez Demorizi. (Ed.) *Cesión de Santo Domingo a Francia*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Archivo General de la Nación, 1958; *Invasiones Haitianas de 1801, 1805 y 1822*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Academia Dominicana de la Historia, 1955; *La Era de Francia en Santo Domingo*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Academia Dominicana de la Historia, 1955.

Meus sujeitos preferidos de investigação antropológica são aqueles que, individual ou coletivamente e estando ou não à margem do poder, subvertem as convenções fixadas para suas raças<sup>2</sup>, recorrendo ao horror ou ao desejo de ser um “outro” e ao imaginário que o consente. Ou seja, recorrendo à capacidade mimética que torna possível se representarem como pertencendo a outra raça<sup>3</sup>, dispensando em larga medida as condições concretas que estruturam sua existência social. São sujeitos que desordenam a organização baseada em distinções discretas das categorias de raça, em virtude de transitarem nos espaços intersticiais de seus referenciais afirmativos e de contestarem as projeções que edificam essas categorias mediante a exposição de narrativas e de práticas construtoras de identidades transpostas. Tais sujeitos têm trajetórias de vida que, propositada ou inadvertidamente, subvertem as posições identitárias e os espaços relacionais que as sustentam, razão pela qual podem ser pensados como antípodas dos discursos que projetam as categorias de raça com imagens evocativas da homogeneidade e da intransitabilidade entre elas.

O registro da experiência dos sujeitos que se inscrevem em espaços intersticiais tem levantado uma série de questionamentos acerca do conteúdo que informa as idéias de racismo, além de ter provocado efeitos nas ciências humanas no tocante ao papel do sujeito<sup>4</sup> e do imaginário<sup>5</sup> na constituição da sociedade. Este artigo parte do suposto de que a compreensão do sujeito vai além do estudo das relações sociais, das posições identitárias e de sua dinâmica porque, apesar de absolutamente conscientes do poder coercitivo dessas instâncias da vida social, os sujeitos subvertem-nas no imaginário, inventam maneiras particulares de realizar trajetórias anti-identitárias, produzem, para eles mesmos, modos alternativos de inserção social e acabam situando-se nos interstícios entre identidades fixas, aos que Bhabha se refere com o conceito de *entre-lugar*<sup>6</sup>.

Bhabha conceitua o entre-lugar como o local da cultura, mas é preciso pensar em momentos em que a própria cultura não prevê a existência de um entre-lugar. Refiro-me, especificamente, à dicotomia negro/branco no Haiti, pois entendo que o trânsito entre estas identidades fixas não é possível por imposição da própria cultura. Esta intransitabilidade modela a peculiaridade da cultura haitiana e a distingue tanto da brasileira como da dominicana. Apesar de preferir entender as relações sociais a partir da idéia de trânsito, minha introdução ao estudo sobre o Haiti revelou algo distinto do trânsito: o fixo, especialmente em relação às posições raciais. Irei me reportar especificamente a duas notícias que me pareceram emblemáticas acerca do relacionamento entre a França e o Haiti e como estes dois países representam uma oposição perfeita, mas ao contrário do

<sup>2</sup> Também é possível pensar no trânsito entre convenções fixas das nacionalidades e dos gêneros.

<sup>3</sup> Uso o termo “raça” enquanto classificador nativo, utilizado pelas culturas ocidentais para identificar indivíduos e grupos sociais a partir da atribuição de significado biológico às mais diversas diferenças, tais como a aparência corporal, a estética, a culinária, a língua e a religião.

<sup>4</sup> Ver Georg Simmel. “O Problema da sociologia” In: Evaristo de Moraes Filho (org.), *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais No. 34, coordenada por Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1983. Também Gilberto Velho. “Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas” In: *Projeto e Metamorfose*, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

<sup>5</sup> Ver Cornelius Castoriadis. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. Também Michael Taussig. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York, London: Routledge, 1993.

<sup>6</sup> Ver Homi K. Bhabha, *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

que ocorre entre a República Dominicana e o Haiti, que também constituem oposição do mesmo tipo, mas que produzem trânsito, entre a França e o Haiti as dicotomias são continuamente reproduzidas e realimentadas, independentemente do contexto político e histórico.

No dia 15 de maio de 2004, o Ministro de Relações Exteriores da França, Michel Barnier, parabenizou a tropa francesa presente no Haiti pela “imagem inteligente” que estão passando da França porque os soldados não estão se mostrando arrogantes e tal fato é motivo de honra para as relações diplomáticas do país<sup>7</sup>. No dia 19 de maio, Buteur Métayer, presidente da Frente de Resistência Nacional (FRN), responsável pela queda de Aristide do poder, proferiu em um discurso na Praça de Armas de Gonaïves, bastião da Independência Haitiana: “Abaixo a ocupação francesa, abaixo a França, fora brancos!”. Além disso, disse para a multidão: “Os brancos franceses nos humilham. Revistam nossas casas e nossos veículos<sup>8</sup>”. Esta visão também é compartilhada por Guy Philippe, que critica a intervenção dos brancos em seu país.

Métayer e Guy Philippe representam as personalidades políticas mais importantes do Haiti contemporâneo, especialmente pelo modo em que depuseram Aristide, através da marcha desde o norte do país até Porto Príncipe, tomando as principais cidades haitianas, com o apoio de milhares de haitianos rumo à capital. Suas posturas políticas também são interessantes, pois transformaram o movimento Frente de Resistência Nacional no partido político Frente de Reconstrução Nacional e declaram pretender chegar ao poder de forma pacífica, mediante eleições democráticas.

### **Frantz Fanon e Price-Mars/Martinica e Haiti: contigüidade e antípoda à França**

Frantz Fanon talvez tenha sido um dos intelectuais que mais prematuramente conseguiu registrar o modo pelo qual os sujeitos imaginam ser o outro e, com isso, desalinham suas posições identitárias. Ele recorre ao conceito de *contigüidade* para fazer a crítica à fixidez e incomunicabilidade atribuída aos lugares do negro e do branco, pois, segundo o autor, branco e negro constituem duas identidades que se articulam e encenam em absoluta relação. A partir desta linha de raciocínio, embranquecer ou enegrecer podem ser vistos como desejos plenamente realizáveis. O romance de Mayotte Capécia *Je suis Martiniquaise*<sup>9</sup> é a matéria-prima sobre a qual Fanon se debruça para demonstrar que o desejo de brancura do negro antilhano se realiza no imaginário. Ao descrever Mayotte, Fanon percebe que ela modifica a sua identidade de negra ao descobrir que sua avó é branca<sup>10</sup>. A relação negro-branco é descrita de maneira análoga à do Malgaxe-colonizador e a argumentação de Fanon caminha no sentido de afirmar que, tal como o Malgaxe não existe em si, mas por causa do colonizador, nem negros nem brancos têm existência própria, mas são categorias inventadas no período colonial. Além disso, a brancura identitária dos martiniquenses, à qual Fanon tantas vezes se reporta também ratifica a possibilidade de subversão imaginária das identidades

<sup>7</sup> Europa Press, 15 de maio de 2004.

<sup>8</sup> Europa Press, 19 de maio de 2004.

<sup>9</sup> Mayotte Capécia, *Je suis Martiniquaise*. Paris, Corrêa, 1948. Prix France-Antilles, 1949.

<sup>10</sup> Ver Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983, p. 41.

raciais, principalmente a partir das colocações do autor de acordo com as quais, até o aparecimento de Aimé Césaire, na década de 40, os antilhanos eram incapazes de se identificarem como negros<sup>11</sup>.

Na esteira da desconstrução das fronteiras que separam os negros dos brancos, Fanon identifica uma relação de contigüidade entre estas identidades e indica a artificialidade dessas dicotomias, posto que não são autônomas e se afetam mutuamente. De acordo com o autor, “o negro incomoda o esquema postural do branco, e isto, naturalmente, no momento em que o negro surge no mundo fenomenal do branco<sup>12</sup>”. Ao entender que o negro, uma vez apreendido no processo cognitivo do branco passa a figurar no conjunto de possibilidades miméticas, a projeção da alteridade no *self* consiste em um processo inteligível no imaginário em virtude de que, tal como Taussig sugere, a capacidade cultura nos proporciona uma faculdade mimética, a faculdade de “copiar, imitar, explorar a diferença e tornar-se o Outro<sup>13</sup>”. De fato, afirma o autor, a exploração da diferença é um ato de pensamento que ativa e consome todas as nossas feições e nossos órgãos sensoriais porque para obter a imagem corporal de um outro precisamos *ensaïar*, no próprio corpo, sua figura. A atividade de *figurar* a imagem do outro é um ato imitativo que implica a contemplação passiva, mas que também requer uma grande atividade corporal capaz de fazer a imagem do outro *disponível*<sup>14</sup>.

Enquanto Fanon realiza um profundo investimento na argumentação da transitabilidade entre identidades fixas, Price-Mars, um dos mais significativos pensadores haitianos, finca sua referência a partir da oposição entre as raças no Haiti<sup>15</sup>. Entendendo que os brancos são os franceses e que os mulatos representam a alteridade da nação, o autor critica a elite mulata afrancesada e a codifica como traidora dos valores essenciais da nação: a liberdade e a negritude. Pela reprodução do ambiente parisiense para Port-au-Prince e pelo fato de Paris ocupar o inconsciente cultural dos mulatos, Price-Mars opôs os mulatos a um Haiti “verdadeiro”, negro, de origem rural, pulsante, que se expressava em kreyòl, e que tinha na tradição oral sua principal fonte de reprodução de conhecimento. A França e o conseqüente afrancesamento são pensados na obra de Price-Mars, como um comportamento de violação da nação e do povo porque constituem opostos perfeitos à “natureza” haitiana. Foi na África que o autor buscou todos os motivos que o povo haitiano deve sentir-se orgulhoso porque herdara uma tradição fascinante e tão digna de profundidade sócio-histórica quanto a européia.

¿Nuestros antepasados? ¿pero en qué puedo yo sentirme humillado de saber de dónde vinieron, si llevo mi *marca de nobleza* humana en la frente como una estrella radiosa, y si en mi ascensión hacia más luz me siento aligerado por la herida sagrada del ideal?

<sup>11</sup> Ver Frantz Fanon, op. cit., p.128.

<sup>12</sup> Idem, p. 133.

<sup>13</sup> Ver Michael Taussig, *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. Great Britain, 1993, p. xiii.

<sup>14</sup> Ver Taussig, op. cit., p. 33.

<sup>15</sup> Refiro-me, especificamente, à obra *Ainsi Parla L'Oncle*, de 1928. Baseio os meus argumentos na tradução desta obra para o espanhol: *Así Habló el Tío*, publicada em Santo Domingo pela Editora Manatí, em 2000.

¿Nuestros antepasados? Son ante todo los muertos cuyos *sufrimientos seculares, el valor, la inteligencia y la sensibilidad* se fundieron antaño en el crisol de Saint Domingue para hacer de nosotros lo que somos: seres libres. ¿Nuestros antepasados? Son los muertos cuyos vicios y virtudes conjugados hablan muy bajo en nuestros corazones malos o en nuestra *conciencia heroica y activa*. (grifo meu)

¿Nuestros antepasados? Son todos aquellos que se levantaron lentamente de la animalidad primitiva para desembocar en el ser transitorio que somos, aún temblorosos ante lo desconocido que nos envuelve, pero herederos de la gloria inmarcesible de ser hombre. Es porque nuestros antepasados fueron hombres que padecieron, que amaron y esperaron, que podemos, nosotros también, aspirar a la plena dignidad de ser hombres a pesar de la brutal insolencia de los imperialismos de toda laya (2000:256).

Talvez daí derive o horror haitiano à Martinica porque a Martinica de Mayotte Capécia e Frantz Fanon transita pela França e pela brancura e o Haiti de Price-Mars, do *orgueil*, da *noblesse*, é puro e fiel à raça e à insubordinação aos “imperialismos de toda laia”. O limite da cultura haitiana é a posição fixa da raça, sua intransitabilidade, sua inabilidade de ser o “outro”, o branco, o francês, nem ao menos no imaginário. A literatura mulata que Price-Mars condena em sua obra clássica *Ainsi Parla L’Oncle*, refere-se exatamente ao fato de ela transitar no imaginário por Paris e pela brancura. E o próprio pensamento de Price-Mars adquiriu um lugar fixo no pensamento social haitiano. E qual a natureza desse dado? Ocorre que falar de pureza da raça, de retratar a França como um oposto perfeito e interpretar estas posturas como nobreza faz parte do conteúdo da cultura, da rede de significados mais cara do povo haitiano. Talvez seja por isso que o pensamento de Price-Mars fixou-se na corrente intelectual haitiana sem receber qualquer tipo de crítica substancial, tal como aquela recebida por Gilberto Freyre aqui no Brasil. E, em relação à obra de Fanon, não seria ela mesma, um fino produto acabado de expressão da cultura martiniquense? Sem qualquer redução à capacidade intelectual desses autores, a motivação desta discussão refere-se ao próprio limite que as culturas bordejam aos seus autores mais significativos. Talvez seja por este motivo que suas obras sejam representativas do pensamento social local porque, no limite, elas são expressões de cultura.

Meu entendimento sobre cultura é algo leve, que não engessa os indivíduos às suas determinações, mas como conceitua Geertz, uma rede de significados que, a despeito do tempo histórico, da heterogeneidade do tecido social, das alteridades presentes no “nós” nacional é algo maleável, mas ao mesmo tempo suficiente firme no inconsciente desse “nós”, capaz de fazer sentido para um todo complexo e diversificado que muitos chamam de povo, mas que eu prefiro chamar de “nós”, pois se opõe imediatamente ao “outro”. Dentro do “nós” haitiano, a França e os franceses representam alteridades plenas que dificilmente serão concebidas de outra maneira através da educação das tropas francesas em relação ao povo haitiano, pois como muitas posições identitárias fixas que interagem na nação haitiana, a posição da França está solidamente consolidada para fora dos limites da nação haitiana.

## Bibliografia

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

CÉSAIRE, Aimé. *Toussaint Louverture*, La Habana, Cuba: Instituto del Libro, 1967.

CHANLATTE, Antonio. “*Al Gobierno Francés y a Todos los Amigos de la Soberanía Nacional y del Orden*”. Santo Domingo, 20 de Prairial, Año VIII (9 de junho de 1800) (Ed.) Emilio Rodríguez Demorizi, *La Era de Francia em Santo Domingo*. Ciudad Trujillo: Academia Dominicana de la Historia, 1955.

DEL MONTE Y TEJADA, Antonio. *Historia de Santo Domingo*, Ciudad Trujillo, República Dominicana: Impresora Dominicana, 1953.

DELAFOSSÉ, Lemonier. *Segunda Campaña de Santo Domingo*. Guerra Domínico-Francesa de 1808, Santiago: Editorial El Diario, 1946.

DIEDERICH, Bernard e AL BURT. *Papa Doc et Les Tontons Macoutes*. Port-au-Prince, Haíti: Imprimerie Henri Deschamps, 1986.

FANON, Frantz. *Peau Noire, Masques Blancs*, Paris: Editions du Seuil, 1952; *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*, Brasília: Ed. Unb, 1961 [originalmente publicado em 1933].

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOETINK, Harry. *Santo Domingo y el Caribe: Ensayos sobre Historia y Sociedad*, Santo Domingo, República Dominicana: Fundación Cultural Dominicana, 1994.

HOFFMAN, Leon-François. “Slavery and Race in Haitian Letters” In: *Caribbean Review*, 9 (2): 28-32, 1980.

MARRERO ARISTY, Ramón. *República Dominicana: origen y destino del pueblo cristiano más antiguo de la América*, Ciudad Trujillo, República Dominicana: Ed. Del Caribe, 1957.

NICHOLLS, David. *From Dessalines To Duvalier: Race, Colour and National Independence in Haiti*, New Brunswick, NJ: Rutgers Univ. Press, 2000.

PRICE-MARS, Jean. *Así Habló el Tío*, Santo Domingo, República Dominicana: Ed, Manatí, 2000 (tradução do original *Ainsi parla l'oncle* publicado em 1928).

RODRÍGUEZ DEMORIZI, Emilio (Ed.) *Cesión de Santo Domingo a Francia*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Archivo General de la Nación, 1958.

\_\_\_\_\_. *Invasiones Haitianas de 1801, 1805 y 1822*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Academia Dominicana de la Historia, 1955.

\_\_\_\_\_. *La Era de Francia en Santo Domingo*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Academia Dominicana de la Historia, 1955.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens entram em Cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York, London: Routledge, 1993.

Artigo recebido em 6/2004.

Aprovado em 9/2004.